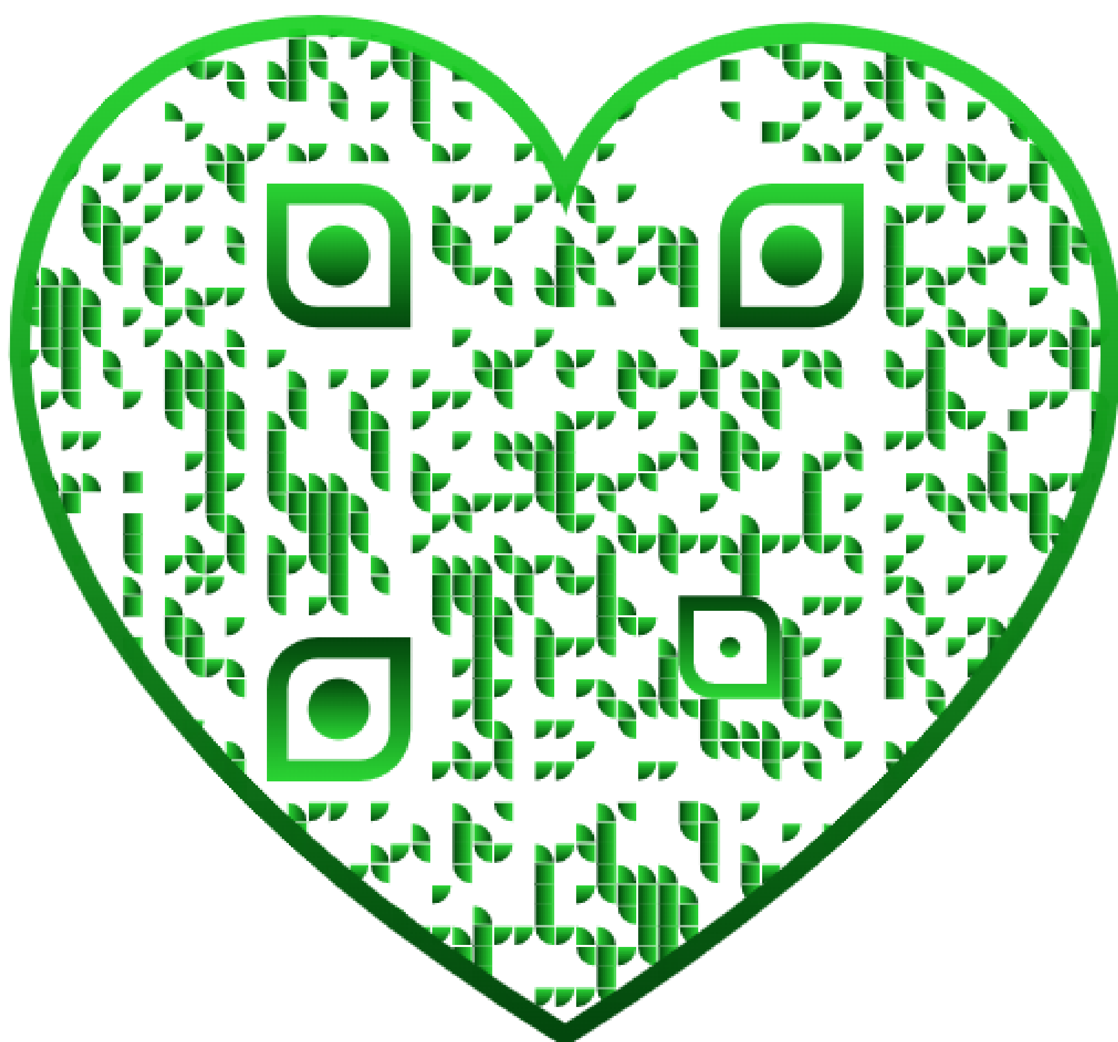
"PERIGOSAMENTE VICIANTE"
- **Sherrilyn Kenyon,** primeiro lugar na lista de mais vendidos do *New York Times*

"CROSBY SERVE SUSPENSE, SEGREDOS E ESCÂNDALO SULISTA COMO NINGUÉM!"
- **Harlan Coben,** primeiro lugar na lista de mais vendidos do *New York Times*

OS ÚLTIMOS MOMENTOS DE FLORENCE W. ALDRIDGE

TANYA ANNE CROSBY

AUTORA NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO "NEW YORK TIMES"



OS ÚLTIMOS MOMENTOS DE FLORENCE W. ALDRIDGE

TANYA ANNE CROSBY

TRADUZIDO POR LISLAINE M. OLIVEIRA



“Os Últimos Momentos de Florence W. Aldridge”

Escrito por Tanya Anne Crosby

Copyright © 2015 Tanya Anne Crosby

Todos os direitos reservados

Traduzido por Lislaine M. Oliveira

Created with Vellum

CONTENTS

Menos de 48 horas
Prefácio

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4

Elogios aos livros Ao Norte da Loucura & Ao Sul da Morte
Ao Norte da Loucura
Ao Sul da Morte
Sobre a Autora

MENOS DE 48 HORAS

ESSE É O QUANTO FLORENCE W. ALDRIDGE TEM PARA VIVER.

Todos os eventos na vida de uma pessoa estão conectados. A situação de nossas vidas, a qualquer momento, é a soma de tudo que fizemos e todos os lugares onde estivemos. Nossa próxima decisão determina não apenas onde nossas vidas terminam, mas quem nos tornamos no caminho. Até onde uma mulher perdida consegue ir para se redimir quando o relógio para?

Estes são os momentos finais de Florence W. Aldridge...

PREFÁCIO

Caro leitor,

Este não é um conto. É uma vinheta, um fragmento de tempo, com o intuito de ser utilizado concomitantemente aos livros *Ao Norte da Loucura* e *Ao Sul da Morte*. Embora não tenha sido criada para ser independente, esta curta composição literária não contém spoilers, então pode ser lida antes dos livros.

Contudo, as chances são de você estar lendo isto, pois já leu *Ao Norte da Loucura* e *Ao Sul da Morte*. Assim, sem dúvidas você leu as narrativas em primeira pessoa no início de cada história, ambas contadas pela perspectiva de Florence Willodean Aldridge. Já me perguntaram sobre essas breves narrativas diversas vezes, pois são contadas em uma voz completamente diferente do resto dos livros de Oyster Point/Irmãs Aldridge. Em sua maioria, leitores curiosos querendo saber sobre os momentos finais que levaram à morte de Flo Aldridge.

Quem era ela? Quais foram seus motivos para fazer o que fez? Sabemos que ela foi assassinada, mas o que exatamente aconteceu com ela naquela noite?

Continue lendo para vivenciar os momentos finais e as últimas palavras de Florence W. Aldridge...

1

16h35, quinta-feira, 1º de maio

Cemitério Magnolia, Charleston, Carolina do Sul.

As flores são novas.

Gipsófilas e rosas pêssego branqueadas pelo sol. Em posição de sentido na urna torta, elas ainda não haviam começado a definhar, apesar do calor opressivo do dia. Eu não as coloquei aqui, mas vê-las me enche de algumas emoções indescritíveis enquanto me curvo para endireitar a urna na lápide do meu filho.

Na metade do caminho entre os túmulos de Robert e Sam, cresce uma planta iúca, suas folhas tremendo gentilmente na brisa irregular do verão.

Aquilo também é coisa da Sadie.

Há uma velha crença do povo Gullah sobre as plantas iúcas manterem os espíritos dos mortos no lugar deles. Conhecendo minha querida amiga, ela a teria plantado lá para manter Robert onde é o lugar dele.

Embora raramente discutamos isso, sei que Sadie vem aqui com frequência — algo sobre o qual posso me sentir culpada, exceto que quando me conformei com a morte do meu filho, anos demais haviam se passado. Vinte e cinco anos de grama e ervas daninhas estavam entrelaçadas por sobre o túmulo. Agora, estou dormente e suspeito que não sei mais como retornar à terra dos vivos. Esperando as lágrimas, encaro, sem piscar, o túmulo do meu garotinho.

Nenhuma veio.

Posso igualmente ser enterrada aqui, acho. Se alguém perguntasse, eu poderia não admitir, mas estou quase terminando minha missão aqui na Terra. Cada dia que passa com as minhas filhas indo mais longe para fora do meu alcance...

Bom, pelo menos é adorável aqui.

As árvores de magnólia. Os carvalhos. O cheiro de lama modificando o ar.

Se você ficar na beira do cemitério, olhando por cima do pântano, consegue ver a nova Ponte do Rio Cooper à distância, estando de sentinela por cima do Cooper.

Apesar dos túmulos desmoronando e lápides manchadas de líquen que são lembranças inevitáveis da morte, não há lugar mais sublime na Terra para um corpo estar, cercado pelos carvalhos desfalecidos, todos gotejando barba-de-velho. O cemitério inteiro é cercado pelo pântano, cheio de capim-de-praia oscilando — uma coisa boa, Sadie diria. Isso mantém os mortos encurralados, almas tristes misturando-se juntas em um baile macabro.

Na tradição dos Gullah, a água é uma divisa entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Não sei muito sobre isso, precisamente, mas quanto à localização do túmulo do Sam... não há erro.

Descansando entre o pai morto e o pedaço de terra destinado a mim, seu túmulo vazio misericordiosamente me separa dos ossos de Robert pelo resto da eternidade. Na vida, eu não poderia aguentá-lo me tocar. Na morte, não poderia aguentar mais.

E, ainda assim, o corpo de Sam não está aqui. Nada liga-me a esse pedaço de terra. Na realidade, não tenho que compartilhar esse pouco de terra na sombra de um carvalho corcunda. Não há nada impondo que eu deva ser colocada para descansar junto com o resto da minha família. Meus pais podem ficar com Robert. Afinal, foi pela minha mãe que me casei com ele de qualquer forma — para dar um campeão ao jornal *The Tribune.*

Aquele canalha patético nunca deu a ninguém nada além de mágoa.

Devo confessar, vir aqui hoje é um pouco experimental. Mas, de acordo com a minha terapeuta, minha rejeição à visita é uma questão de negação. Ela insiste que minha “negação” da morte de Sam é, de alguma forma, um guardião de todas as minhas emoções. De acordo com a Dra. Braxton, é a razão pela qual não consigo sentir. É a razão pela qual minhas filhas e eu permanecemos distanciadas. É a razão pela qual pareço não conseguir tomar

a decisão de *parar*...

Ela provavelmente está certa.

Está na hora.

O *Tribune* vai sucumbir com certeza. Sem um milagre, vai afundar em um ano. Como posso dar vida ao jornal quando não tenho uma própria?

Um vento rápido cutuca meu chapéu, como se para dizer “siga em frente agora”.

Ninguém mais usa chapéus, mas lembro-me de um tempo em que não era possível andar pelas ruas de Charleston sem ver homens em ternos, completos com suspensórios, usando chapéus de palha de abas largas. Infelizmente, junto com os chapéus dos cavalheiros sumiram os modos. Como o meu carro, sou um dinossauro vivendo na era errada.

Tortura suficiente para um dia.

Além disso, estou suando como uma prostituta na igreja. Talvez eu não consiga chorar porque não há umidade em meu corpo?

Sentindo-me extravagante, faço o caminho de volta ao carro, arrastando-me por túmulos familiares. Alguns dos entalhes nas lápides mais frágeis mal são legíveis agora. Em meu caminho de saída, passo pela cripta de recepção — uma propriedade do século XIX para os mortos. As palavras “Cripta de Recepção” estão proeminentemente entalhadas na entrada arqueada, as letras curvadas corroídas pelo tempo. Depois de mais de cento e cinquenta anos, a construção em si está desmoronando e em mau estado de conservação. A visão dela me dá um arrepio, e imagino-me deitada em um altar lá dentro, enquanto homens com calças largas até os joelhos esperam do lado de fora com pás a mãos.

Minhas filhas ficariam aqui esfregando olhos úmidos? Ou, assim como a mãe delas, simplesmente encarariam adiante com olhos semicerrados?

Meus saltos afundam na terra macia enquanto cruzo um pedaço de terra vazio. Não restaram muitos ultimamente. Os pedaços restantes pertenceram àqueles cujas famílias poderiam traçar sua linhagem de volta a um tempo quando as notícias da Marcha ao Mar de Sherman deixaram mulheres na cama com melancolia. O cemitério agora continha em torno de trinta e cinco mil corpos, inclusive dois mil soldados Confederados, cinco governadores e quatro senadores americanos — um sendo o Senador Robert Samuel Aldridge II. Meu marido mentiroso, traidor e egoísta.

Perto do carro, espio um sedã preto escuro com janelas escurecidas estacionado atrás de mim na estrada de acesso. Não estava lá quando cheguei,

e não o reconheço, mas por que o faria? É um cemitério público, afinal, e, como um dos mais antigos e prestigiados na cidade, é amplamente visitado por turistas. Ainda assim, dou uma olhada, procurando ver aonde o ocupante pode ter ido. Já passou das 17h e o escritório está fechado agora.

Não há uma alma a ser encontrada, e isso me faz parar. Por mais adorável que o Cemitério Magnolia possa ser, é um terreno de ossos. Enquanto o sol se põe, luz mosqueada pela cobertura dos carvalhos transforma sombras em fantasmas.

Eles estão todos perto de mim agora, dançando ao som de Debussy enquanto crianças esquecidas com olhos melancólicos e rostos mumificados e esqueléticos tropeçam sob os pés.

Não sei como Sadie consegue aguentar visitar este lugar sozinha. Ela vem aqui com frequência e nunca diz a ninguém.

Claro, não contei a ninguém que estava vindo aqui hoje de manhã — mais porque não quero que ninguém saiba.

No alto das árvores, a barba-de-velho agita-se com a brisa. As pontas dos meus saltos cambaleiam entre as fendas na calçada de pedras.

Sinistramente silencioso, além dos sons do pântano e o clicar dos meus saltos, viro-me para ver se alguém está lá... lá no fundo... entre caminhos sinuosos que levam de lá para cá entre as lápides antigas.

Não vejo ninguém.

E, ainda assim, alguém *deve* estar aqui.

Em algum lugar.

O carro não chegou por conta própria.

Em toda parte, o vento sussurra pelos galhos dispersos de carvalhos retorcidos e curvados.

Rapidamente, pesco as chaves da bolsa, colocando a chave da porta entre o polegar e o indicador, preparada para deslizá-la na porta, e desejando, não pela primeira vez, que eu não tivesse tamanha aversão a vender meu amável dinossauro. Neste momento, eu daria qualquer coisa por chaves elétricas.

Certamente, consigo bancar um novo carro, top de linha, mas teimosamente dirijo meu Town Car amarelo-limão. É um dos últimos das edições de tamanho normal antes de Lincoln tê-los encolhido lá nos anos 80. O torso imaculado e alongado ganhou a cobiça de todos os colecionadores locais de automóveis e eu recebo ofertas infladas pelo menos duas vezes ao ano. Mas o carro não tem ar condicionado e, por alguma razão, não me importei em instalar um. Quanto sentido isso deve fazer vindo de uma mulher

que detesta suar?

Olhando para as janelas do sedã ao passar por ele, preparo-me para correr caso a porta abra, mas o carro parece estar vazio. Nenhuma sombra se move dentro dele. Ainda assim, estou inquieta o suficiente para mergulhar na direção da porta no instante em que ela fica ao meu alcance. O mais rápido que posso, deslizo para dentro e tranco as portas, soltando um suspiro de alívio quando não espio ninguém em meu espelho retrovisor.

Nesta posição, consigo ver claramente dentro do carro estacionado atrás de mim. As janelas da frente não são escurecidas. Seu motorista está lá fora lamentando no túmulo de um ente querido, em algum lugar sob uma copa de carvalhos. Felizmente para ele, está se saindo melhor do que eu pareço estar fazendo.

Não sei por que acho que é um homem. Talvez porque seja um carro de homem? Ele me faz lembrar de um carro sem identificação. Não pretendo esperar para descobrir. Ligo o motor e sorrio com admiração sincera ao roncar do motor imaculado.

Saindo na estrada de acesso, estou mais do que pronta para deixar o cemitério para trás, e suponho que seja perfeitamente ok viver em negação por mais um dia.



18h20

Bocejo quando estaciono na entrada de cascalho para veículos.

"Não deixe o *hag* montar em você!" Sadie dizia às vezes quando saía pela porta.

De acordo com o povo Gullah, as pessoas têm uma alma *e* um espírito. Almas saem do corpo na hora da morte, e, se for uma alma boa, ela sobe ao céu. Em contraste, o espírito de uma pessoa fica para trás para cuidar dos entes queridos. Se for um espírito ruim, ele é chamado de *boo hag*.

Em alguns aspectos, *boo hags* são como vampiros. Eles são criaturas morto-vivas que se alimentam dos vivos. Sem pele, com veias azuis salientes, eles roubam a sua pele e vestem-na como se fosse uma roupa, assim podem locomover-se sem levantar suspeitas. À noite, tiram a pele e saem em busca de uma nova vítima.

Esses são espíritos enganadores. Eles entram em sua casa pelas fendas debaixo da porta e, uma vez lá dentro, sentam em seu peito e roubam sua vida enquanto você dorme.

Há sinais de alerta quando eles estão por perto: O ar torna-se quente e úmido e começa a feder — não importa que esteja sempre quente e úmido em Charleston em maio e que estejamos literalmente cercados pelo cheiro forte e pútrido de lama.

Para mantê-los acuados, todos os topos das janelas da Oyster Point são pintados de azul céu. Assim como os tetos da varanda, porque, como o sal, serve como repelente. Há uma tigela comum de sal marinho em todo e qualquer aposento, porque um *hag* salgado não consegue retornar à pele.

Eu acredito nessas coisas?

O que eu sei?

Suponho que o vício possa ser um pouco um *boo hag*.

Sadie também acredita que espelhos antigos sugam as almas dos mortos, e isso poderia ser verdade, julgando pelo meu reflexo quando entro pela porta.

O enorme espelho pendurado no foyer outrora pertenceu a Charles Pinckney, um dos assinantes da Declaração da Independência. Sadie convenceu todas as minhas filhas de que o espelho abrigava almas de mais de dois séculos de mortos.

Como sempre, Tango está esperando por mim. No instante em que chego, ele salta, rabo abanando, para me cumprimentar. Dançando até mim, ele me permite acariciá-lo por um momento e, então, beijo-o duas vezes e aventuro-me até a cozinha, atraída pelos cheiros que pairam para me provocar.

“Voltou cedo para casa?” Sadie diz.

A cozinha cheira a pão assado recentemente. Jogo minha bolsa preta Sofia no balcão e vou direto ao fogão olhar por cima do ombro de Sadie. “Saí cedo”, digo.

Ela lança-me um olhar por sobre o ombro, seus olhos pretos expressivos sabem demais. “Alguma razão em particular?”

“Não.”

“Bom”, ela diz, retornando à tigela de mistura, “você *deveria* tirar mais tempo de folga, né? As pessoas normais fazem isso para assar debaixo do sol”.

“É? Você sabe que o único assar de que gosto é o tipo feito dentro de casa.”

Sadie bufa. “Quando foi a última vez que você assou qualquer coisa, Florence?”

“*Você* assa, é ainda melhor. Além do que, quando foi a última vez que *você* se sentou lá fora naquela sauna aberta infestada de mosquitos?”

“Minha pele já é preta o suficiente”, Sadie graceja.

Eu dou risada, uma resposta praticada que está tão perto de ser genuína quanto possível. A verdade é que amo essa mulher — tanto quanto consigo amar qualquer um. Ela é muito mais para mim do que uma governanta; ela é minha amiga.

Sadie agarra uma colher. “Fiz manteiga de mel”, ela diz. “Amo aquela nova fazenda que encontrei.”

“Eles podem chamar de fazenda se só estão criando abelhas?”

Sadie apertou os olhos. “Eu pareço o quê, Florence? Uma enciclopédia?”

“Enciclopédias estão obsoletas”, digo.

“Nós também”, ela afirma.

Estico o braço por cima do ombro dela, enfrentando sua fúria, e empurro um dedo na mistura. Meio esperando que ela dê um tapa na minha mão, e sentindo-me vitoriosa quando ela não o faz, trago um pouquinho da manteiga fresca à língua para saborear a invenção amarela cremosa. “Excelente.”

Consigo ouvir o sorriso na voz dela. “Fiz do jeito que costumavam fazer na Mama's Money — lembra daquele lugar?”

Sentindo-me ainda mais valente, mergulho outro dedo na mistura. “Não muito”, digo, mas sem pensar demais nisso. Um restaurante é igual ao outro para mim. Cada refeição um borrão.

“Acho que ficava na rua King. E *você*, mantenha seus dedinhos fora da minha tigela!”

“Italiano com toalhas de mesa quadriculadas em vermelho?” pergunto.

“Sim. Esse mesmo.”

“Lembro vagamente. Talvez.” Cruzo os braços contra mais tentação e dou uma olhada na cozinha, parando no relógio. *18h30*.

Dez minutos inteiros na cozinha e eu ainda não tenho uma taça de haste longa nas mãos. Progresso. Isso é progresso. E, ainda assim, o fato de que não tenho uma ainda não é exatamente um ponto a celebrar, porque já sei que hoje vai ser uma noite fraca.

Primeiro, imagino se Sadie vai ficar para o jantar; em seguida, quanto tempo até ela planejar ir embora.

“Então... é uma ocasião especial?” pergunto, imaginando se ela vai

confessar seu relacionamento com o meu advogado, Daniel Greene. Sei muito bem que aqueles dois estão juntos, mas nenhum deles vai admitir. Suponho que os dois possam estar um pouco preocupados com o fato que ambos trabalham para mim, mas não me importo muito. Contanto que isso não interfira em seus trabalhos, quero ver meu povo feliz, apesar de não conseguir atingir esse propósito para mim mesma.

Sadie é provavelmente a única pessoa neste mundo que me conhece melhor do que ninguém — inclusive minhas próprias filhas. Passamos quase todos os dias de nossas vidas juntas, e somos de longe melhores amigas do que qualquer uma de nós vai admitir.

“Nada especial”, Sadie responde, lançando-me outro olhar apertado por sobre o ombro. Ela levanta uma sobrancelha escura. “Você me paga para cozinhar para você, Florence. É o que estou fazendo.”

“Pare de me chamar de Florence”, exijo. “Você sabe que odeio isso. Você só adquire esse tom quando está chateada, então o que eu fiz agora?”

Sadie retorna para a sua mistura, balançando a cabeça. “Não estou chateada com você, Flo. Só aborrecida com o simples fato que você não parece estar disposta a cuidar melhor de si mesma.”

Por um momento, não respondo, e penso comigo mesma se deixei o frasco de remédio no criado-mudo para a Sadie encontrar hoje de manhã. Não tomei nenhum. Só coloquei o frasco lá para contemplar enquanto considerava minhas opções.

Depois do que aconteceu da última vez, a Dra. Braxton recusou-se a renovar a receita, mas eu encontrei facilmente alguém que o faria. Ainda assim, tenho que abrir o frasco.

“Todos temos que morrer uma hora”, comento, embora no que diz respeito a piadas, provavelmente não é completamente inapropriada — não mais do que interromper nossa conversa chegando ao meu veneno favorito. Pronta para uma batalha, faço o caminho até a adega climatizada e retiro um tinto gelado, relutante quanto a ser questionada pela minha empregada, amiga ou não. “Que tal um Chianti clássico?” pergunto alegremente.

“O que a faz pensar que fiz comida italiana?” Sadie responde. Sinto a tensão em sua voz enquanto luto com o abridor de vinho e a rolha. Meus dedos estão tremendo, mas culpo a fome.

“Mesmo se eu não tivesse um nariz para cheirar, você sempre fica criativa com manteiga quando serve pão, e você só serve pão com comida italiana”, digo, contente com meus poderes de observação. Pego a taça de vinho no

armário e a coloco no balcão, e então a encho mais da metade e coloco a garrafa no balcão. “Quer uma taça?” pressiono, apesar de saber a resposta.

Sadie suspira. Ela soa desanimada. “É só espaguete”, ela sustenta. “Nada especial. Na realidade, estou indo embora assim que terminar, porque tenho... algo a fazer”, ela diz enigmaticamente.

“Viu?” digo, sentindo-me legitimada. “Italiana. Encontro quente hoje à noite?”

Finalmente, Sadie dá um sorriso. Um brilho surge em seus olhos pretos. “Pode ser.”

Inclinando-me de costas contra a ilha da cozinha, giro a taça de vinho tinto em minha mão, imaginando onde Sadie e Daniel possam ir jantar hoje à noite. Fico com ciúmes por um instante, até me lembrar de que namorar em qualquer idade dá trabalho demais. É difícil o suficiente ficar motivada para passar tempo sozinha com o meu vibrador, que requer virtualmente nenhum investimento, muito menos um humano desengonçado e necessitado. A vida é difícil como está.

“Divirta-se”, digo, de repente desiludida com a conversa inteira. Saio rápido do balcão e vou para o saguão, taça de vinho à mão, pretendendo ir para o andar de cima e me trocar. Sempre obediente, Tango segue em silêncio nos meus calcanhares.

No instante em que coloco o pé na escada, Sadie grita meu nome da cozinha. “Ligue para a sua filha”, ela exige. “Ela deixou uma mensagem.”

“Qual?” pergunto, hesitando nos degraus, torcendo por uma resposta diferente.

“Qual você acha?”

Desapontada — não porque não ame minha caçula, mas porque nenhuma das outras duas proles parece remotamente inclinada a se lembrar de que eu existo. Subo a escada. “Obrigada”, digo, embora não consiga esconder a decepção em minha voz, ou o olhar morto ao passar pelo espelho da entrada.



19h40

O frasco não aberto de Diazepam ainda está empoleirado no criado-mudo onde o deixei.

Renovada após o banho, faço o caminho até a cama, parando para me inclinar e apertar a toalha em minha cabeça, fingindo indiferença. Jogo a cabeça para trás e, com a toalha presa, sento-me na cama e encaro o frasco marrom, analisando sua posição no criado-mudo.

A Sadie mexeu nele?

Talvez.

Nada disso é do interesse dela, decido. Não sou uma criança. Se eu quiser tomar o frasco inteiro de comprimidos está dentro do meu direito fazê-lo.

A penteadeira perto do closet está amontoada com fotos das minhas três filhas... todas tiradas antes de elas se tornarem adultas ingratas. É a única peça de mobília no quarto que está transbordando de quinquilharias. As paredes são recém-pintadas de um branco concha, nenhuma mancha a ser encontrada. Tudo em seu lugar e meticulosamente mantido. A ordem perfeita é provavelmente minha forma de manter o caos acuado — aquele terrível tsunami de emoções que ameaça irromper pela minha barragem pessoal cuidadosamente reforçada. Cada comprimido, cada taça de vinho é uma fissura potencial na estrutura gasta, e isso, mais do que qualquer coisa, é o que me impede de abrir o frasco de remédio neste instante.

Há uma fina linha entre emoção e dormência quando se está bêbado. Para mim, a dormência vem primeiro, *antes* do tsunami. Para a Sadie, uma única taça de vinho durante o devaneio consegue trazer lágrimas aos seus olhos. Mas não para mim.

Não para mim.

E, ainda assim, é tentador... ah, tão tentador. Abro a gaveta do criado-mudo e dou um tapa no frasco, jogando-o para dentro das profundezas desordenadas.

Lá dentro da gaveta não há ordem. Vejo uma caneta e a puxo, colocando-a no criado-mudo.

Quanto à taça de vinho... está no banheiro, basicamente intacta, porque estou pensando melhor agora.

Um dia desses, a barragem com certeza vai estourar e isso será o fim. Em breve, posso não me importar, mas agora há algo inacabado, e não posso deixar minhas filhas tornarem-se uma casualidade de meu desastre iminente.

Caroline. Augusta. Savannah. Sinto falta delas, e isso só me faz desejar o vinho ainda mais — um curativo para aliviar a dor.

Mas, neste instante, em vez de retomar o vinho, removo o bloco de notas, que usei ontem à noite, para rabiscar algumas anotações para um novo

codicilo em meu testamento.

Essa é a única coisa que não posso mais adiar. Talvez eu esteja vencendo a batalha de testamentos no momento, mas a escuridão paira como uma nuvem negra, ameaçando descer e cobrir-me sem aviso. Sinto a ameaça de forma palpável e isso me dá uma pontada na boca do estômago.

Não há hora melhor que o presente, digo. Meu pai costumava me dizer isso. Salto da cama e tiro a toalha do cabelo, usando-a para absorver o máximo de água do cabelo quanto possível, então coloco-a no banheiro em um gancho atrás da porta. Em seguida, passo uma escova pelo cabelo molhado, firmemente encarando no espelho a mulher que me encara agora.

A maioria das pessoas nunca adivinha minha idade, apesar do abuso que já dei ao meu corpo. De alguma forma, os bons genes da minha mãe me ajudaram a manter a mentira. O grisalho só é visível nas raízes, embora mal dê para ver — graças às visitas semanais ao salão. Mesmo quando não preciso delas, mantenho meus compromissos. Sou como aquele carro vintage lá fora, com polimento e brilho semanais, enquanto o motor debaixo do capô vai sem checagem de óleo e ajustes próprios, ainda assim, de alguma forma, continua andando.

Claro, não é assim que trato meu Town Car, porque sou inteligente o suficiente para perceber que fazer isso vai encurtar sua vida. Essa mesma consideração não parece se aplicar ao meu próprio corpo. E, ainda assim, de alguma forma, tudo permanece nos lugares certos. Nenhuma queda nos seios. Nenhum excesso de gordura na barriga. Minha pele, enquanto não brilha mais com o vigor da juventude, também não parece manchada, mas preocupo-me que a pele seca seja um efeito colateral de um fígado debilitado.

Ainda assim, examinando-me no espelho, é fácil esquecer o que está sob a pele... a deterioração dos meus órgãos. Consigo senti-la, e o pior disso é o endurecimento do meu coração. Ele parece estar se calcificando dentro do meu corpo, tornando-se pedra, petrificando como uma velha tora deixada tempo demais no lamaçal. Até a ideia de minha própria morte não me comove mais. Somente quando considero as consequências — o legado que deixarei para minhas filhas — que sinto algo.

Abandonando a garrafa por um momento, visto-me para ir ao andar de baixo: um simples vestido vermelho de usar em casa sem restrições, mas um que pode facilmente expor-se ao escrutínio se alguém bater à porta. Não que alguém o fará. A Oyster Point fica no final extremo da estrada Fort Lamar. Poucos se aventuram por esse caminho, e certamente ninguém passa pelos

portões sem convite, mesmo quando estão abertos.

Imaginando se a Sadie já foi embora, apresso-me escada abaixo. Passando pela cozinha, vou ao meu escritório, relutante em desviar do que sei que deve ser feito.

Em meu escritório, abro uma gaveta e puxo um bloco de papel amarelo com linhas. Somente então percebo que ainda estou com a caneta na mão. Não me lembrava de tê-la pegado novamente, mas o devo ter feito.

Tango vagueia atrás de mim e senta aos meus pés, meu companheiro fiel, e lá ele permanece enquanto organizo minhas anotações em jargão legal.

Qualquer raiva que a Sadie possa sentir sobre isso será passageira, digo a mim mesma. Ela não queria aquela casa de qualquer forma. Sinto isso no meu interior. Ela só não sabe como deixá-la para trás — não quando sua vida inteira, como a minha, está envolta nesse pedaço de terra. Mas, só por segurança, pretendo deixá-la com muito dinheiro, e ela pode ficar com a casa na rua Legare, a qual ela pode deixar para o filho quando morrer. No meio tempo, ela pode ficar mais perto do Daniel.

Tudo isso soa ótimo para mim.

Começo a escrever:

Eu, Florence W. Aldridge, de James Island, declaro este o primeiro codicilo do meu Último Desejo e Testamento datado de primeiro de maio de dois mil e catorze.

Respiro fundo e continuo:

Item I: Eu desejo e ordeno que o item V do meu supracitado Último Desejo e Testamento seja cancelado por completo.

Item II: Eu desejo e ordeno que o seguinte seja o item V de meu Último Desejo e Testamento.

Eu desejo e ordeno que a propriedade que faz fronteira com o riacho de Secessionville, do atalho até a estrada Fort Lamar, e consistindo das habitações originais da Fazenda Oyster Point, assim como o pântano nos limites, sejam, por meio deste, doados ao município de Charleston.

Sim. É simples assim. Assino o documento simbolicamente, pretendendo entregá-lo ao Daniel quando o vir, assim ele pode colocar os pontos nos Is e cruzar os Ts.

Arranco a página do bloco e levo-a comigo ao levantar-me e fazer o caminho de volta à cozinha.

O espaguete está frio a essa altura, e Sadie já foi embora. Coloco a caneta no balcão junto com a cópia esboçada do meu novo codicilo e vagueio até a

minha bolsa para encontrar meu celular.

Não há nenhuma chamada perdida, e só então me ocorre que Savannah nunca se importou em ligar no meu celular. Em vez disso, ela ligou em casa, sabendo que eu ainda não estava lá. Com que frequência eu saio cedo? Então, como uma questão de dedução, até minha filha mais nova não deseja falar comigo. Como a minha mãe, ela simplesmente vai junto com a maré, fazendo seu dever, deixando um rastro para provar sua devoção.

Franzindo com aquela percepção, disco o número de Daniel. Depois de todos esses anos, sei de cor.

Vai direto para a caixa postal.

O cheiro de espaguete, combinado com um estômago reclamão, começa a minar minha decisão de ver isso terminado hoje à noite, e sinto uma sensação de alívio.

"Oi, Daniel. Sou eu. Tenho algo para falar com você. É sobre a Sadie, então o quanto antes eu falar com você melhor."

Não digo mais nada. Desligo e pego o prato que a Sadie deixou na ilha e levo-o à panela de espaguete sentada no bico frio de gás. Com a concha que a Sadie deixou ao lado, cavo um prato cheio de espaguete e, então, retorno ao balcão para comer. Sozinha.

Há uma adorável mesa Georgiana antiga na sala de jantar, com 1,8m de extensão, que permanece não utilizada. Eu como sozinha na maioria das vezes. Se a Sadie come comigo, nós duas o fazemos na varanda ou aqui na ilha da cozinha. A mesa de jantar é pouco mais do que um lembrete amargo de que a minha família está irremediavelmente afastada. Por que eu deveria me torturar com aquela verdade? Sentada sozinha em uma longa mesa, como uma rainha sem uma corte. Tudo bem; a ilha da cozinha me serve bem.

Sento-me em um dos quatro bancos e arrasto a cesta de pão mais para perto, junto com o pequeno recipiente da manteiga cremosa. Consigo sentir um toque de doçura no ar e minha boca enche-se de água. Ainda assim, estico o braço para o celular uma vez mais e disco o número da Sadie, com a intenção de agradecê-la. E, então, dizer, "*Ah, por falar nisso, estou doando a sua casa*".

O telefone toca. E toca. E toca.

O cheiro de espaguete provoca minhas narinas e meu olhar foca em um pedaço particularmente grande de cogumelo. Decido que amanhã é cedo o suficiente para falar com a Sadie. Vai me dar um pouco de tempo para processar meus pensamentos.

Terminando a refeição, coloco o prato na pia, junto com os talheres sujos, para a Sadie limpar quando vier amanhã. Então, recoloco a tampa na panela no fogão e carrego o utensílio até a geladeira para acomodá-lo lá dentro. Feito isso, espio um tomate solitário no balcão e pego a caneta para escrever a palavra tomates na lista de compras que está na geladeira. Jogando a caneta de volta ao balcão, agarro a garrafa de vinho aberta, junto com o codicilo esboçado, olhando para o relógio ao sair pela porta da cozinha: 21h20.

Com o Tango aos meus pés, subo os degraus para o quarto, ainda sem ligar para a Savannah.

2

5h, sexta-feira, 2 de maio

Na manhã seguinte, a primeira coisa que espio é a garrafa de vinho vazia descansando em cima do criado-mudo.

Do lado de fora da janela do quarto, um pica-pau dá bicadas no peitoril. O ritmo ecoa em minha cabeça, acompanhado de uma dor afiada que pulsa ao mesmo tempo que a veia na minha têmpora. Todos os dias. Infinitamente. Aquele pássaro aparece para lascar minha casa... como minhas memórias parecem estar fazendo com a minha vida. Algum dia, vou chamar um carpinteiro para avaliar o prejuízo, mas há bem mais à reforma de uma velha casa do que simplesmente recolocar alguns peitoris. A possibilidade deixa-me fatigada.

Se minha filha Augusta pudesse conseguir o que queria, ela teria me mandado embora como se nada disso importasse.

Mas não posso fazer isso. Bom ou mau, nosso passado é nosso passado...

Como o Sam.

Por mais que eu amasse fingir que nada disso aconteceu um dia, que seu sorrisinho precoce não foi mais do que um sonho agradável ao qual um dia acordei, que ele nunca esteve aqui para desaparecer, devo esforçar-me para lembrar-me da dor, porque isso é o que o mantém real.

Isso é algo que Karen Hutto e eu temos em comum. Sua filha, Amanda, meramente dois anos mais velha que Sam, desapareceu bem do quintal da frente, esperando o pai buscá-la para a escola. Somente aqueles de nós que se juntaram a esse clube especial podem compreender totalmente que cada

momento que passa sem respostas é como respirar debaixo d'água.

Se, no final, Augusta decidir ir embora da Oyster Point, muito que bem, mas antes que o faça, minha filha deve aguentar e enfrentar todos os fantasmas no espelho.

Vou garantir isso, e o codicilo é simplesmente outro meio para aquele fim.

Juntas, minhas filhas vão dividir tudo, igualmente, somente sob uma condição: Todas as três devem permanecer nesta casa em James Island, juntas, por um período de um ano — ou perdem cada centavo. Designei, para cada uma, tarefas que senti que as ajudariam a encontrar seu caminho no mundo depois que eu morrer. É meu dever como mãe delas, afinal, e o dever é uma virtude inexorável das Aldridge. Em vida, minhas filhas podem evitar minhas tentativas de amá-las, mas na morte eu não serei ignorada.

Caroline vai ficar com o *Tribune*.

Então, de novo, minha mais velha *sempre* foi destinada a ficar com o Jornal, apesar de ela parecer acreditar que eu desejo o contrário. Eu só quero que a minha primogênita aprecie seu legado, e antes que ela tome o poder, aprenda os negócios da forma que seus ancestrais fizeram — da forma que eu aprendi. Quero que Caroline mereça a cadeira de editora, assim não importa qual seja sua decisão, sua equipe vai segui-la onde quer que ela lidere, mesmo se, como o fadado Hunley, signifique que vão acompanhá-la direto para o fundo nebuloso.

Augusta, minha filha do meio, aprenderá a apreciar esta casa — ou pelo menos ela deve conhecer e compreender os erros do nosso passado, assim ela não está condenada a repetir o pior deles.

É meu dever intervir, preparar o caminho para a minha filha voluntariosa... porque assim como eu, ela cometerá erros demais antes de tropeçar no caminho certo... e se ela andar a esmo por tempo demais na escuridão, pode ir longe demais... e nunca retornar.

Minha mais nova e querida Savannah... só quero que ela acredite em si mesma do modo que deveria. Savannah parece debilitada pelos próprios sucessos, com medo de acordar e descobrir que não merece as coisas pelas quais trabalhou tão duro para alcançar. Do meu ponto de vista, a única forma de ajudar minha caçula é forçando-a a assumir suas responsabilidades. Não apenas Savannah deve terminar um segundo livro como deve submetê-lo ao escrutínio de outros. Mas é isso. Nada mais ou menos do que ela já tenha feito antes.

Essas são coisas que minhas filhas devem cumprir antes de herdarem um centavo. E se não se encontrarem a altura da tarefa — bom, diabos, elas podem sobreviver sem.

Todos os três rostos delas navegam perante meus olhos, suas feições distantes e sumindo, e eu sou preenchida por uma tristeza tão absoluta que fico sobrecarregada por ela.

Apertando os olhos bem fechados, sento-me ereta e balanço os pés pela beira da cama, olhando para baixo para descobrir que meus chinelos sumiram. Uma olhadela para o Tango, dormindo perto da porta do banheiro, revela exatamente onde eles estão. Debaixo do queixo dele. Faço um som de reprovação, e uma orelha levanta. Mas vê-lo se enterrando mais fundo em meu chinelo me faz sorrir ligeiramente.

É triste ou completamente lindo que esse animal seja meu único amigo verdadeiro. De alguma forma, isso valida minha existência e me dá ímpeto para sair da cama e andar descalça pelo chão de madeira até o banheiro. Se o Tango consegue me amar, não devo ser completamente não amável.

Descubro meu celular na bancada do banheiro e percebo que há duas chamadas perdidas de Savannah. Aborrecida comigo mesma, deixo o telefone lá enquanto escovo os dentes e juro ligar para minha filha no caminho para o trabalho.



8h30

Se um cão, crescido e ladrão, por acaso é minha validação pessoal, o *Tribune* é certamente minha razão de ser.

Nascido durante a queda da Confederação, a história do Jornal está profundamente entrelaçada com aquela do Post, ambos provindos do Charleston Daily News. Mas *o Tribune* foi estabelecido por um aprendiz do criador do *The Courier*, que até precedeu o Daily, tornando o *Tribune* mais velho até que o Post. Com sua linhagem ininterrupta — passada do meu tata, tataravô —, permanece como um último bastião do jornalismo americano do Velho Mundo.

Orgulho-me do modo como administro meu jornal. Até agora, tenho tido certeza de minha destreza como editora. Se, na realidade, executo todo o

resto em minha vida de forma menos excelente, o *Tribune* resiste como prova de que nem tudo que eu toco está destinado ao fracasso.

Mas aquilo foi antes, isso é agora.

O *Tribune* está perdendo dinheiro. Eu deveria estar cortando minha lista de funcionários mais do que já o fiz, mas não consigo suportar a ideia de colocar meus funcionários mais leais encostado em um canto. Em vez disso, brinco de dança das cadeiras com o emprego deles, mudando-os de um lugar para outro — como a pobre Agnes, que costumava ser uma das minhas melhores repórteres, até o princípio precoce de Alzheimer. Seu cérebro ainda está usando boa parte dos neurônios, então coloquei-a nos classificados, e inspeciono os erros ocasionais, o que é provavelmente com prejuízo ao jornal. Logo serei forçada a dar um pacote de verbas rescisórias a Agnes, mas essa hora ainda não chegou. Não ainda, mas logo.

De todos os meus funcionários, a única pessoa sem a qual não consigo funcionar é Frank Bonneau. Ele tem administrado o departamento editorial do *Tribune* desde sempre, pelo que me lembro. Ele é um jornalista conservador sem tolices, contratado pelo meu pai.

Hoje, ao entrar no escritório, Frank encontra-me na porta, como um cachorro que sentiu meu cheiro a meia quadra de distância.

“Os telefones estão tocando sem parar”, ele diz, entregando-me uma pasta cheia de papeis. “O espelho está na sua mesa para aprovação. Preenchi o espaço de notícias com uma boa sobre a cervejaria em Dorchester.” Ele deposita a edição mais recente do jornal em minha mão e faz uma linha reta até a porta.

“Obrigada. Aonde você está indo?”

“Volto em cinco minutos”, ele diz, demorando-se à porta do corredor. Lá fora, um céu ensopado ameaça trazer um tempo severo. É aquela época do ano. ‘As chuvas da primavera trazem as flores de maio.’

“É o aniversário da Agnes. Vou pegar um bolo para às dez da manhã.”

Sorrio. “Use o cartão da empresa”, ofereço, contente que ele se lembrou.

“Nah. Já cuidei disso”, ele insiste, e então empurra a porta para abri-la e voa para fora.

Frank é um homem teimoso, mas ele é do tipo que fica ao seu lado se acreditar em você, mesmo quando suspeita que você possa estar errada. *Inocente até que provem o contrário*. Mas se ele não acredita em você, é o oposto. Ele não é do tipo que se abre para as pessoas facilmente, e é no Frank e em seu tipo que estou pensando quando insisto que Caroline deve progredir

pelo próprio esforço do fundo até o topo. Levei anos para vencê-lo.

Balanço a cabeça ao observá-lo pela porta de vidro da frente. Ele apressa o passo, correndo até o mercado, e sei onde ele está indo: Kaminsky. Exatamente o que preciso, um alto nível de glicose. Sou grata que ele não se demorou esperando pedidos. Meu quadril já está sofrendo com as fornadas da Sadie.

Mãos carregadas com coisas demais para segurar, viro-me para a minha sala.

"Deixe-me ajudá-la", a recepcionista oferece, correndo para sair de trás da sua mesa. Pam é uma jovem brilhante com um futuro no *Tribune*, mas não até ela remover os óculos cor de rosa. Ela é crédula demais e, na realidade, não parece saber dizer não para nada ou ninguém que entra pela porta. Escoteira dos biscoitos? Claro. Doações contra fraturas? Aqui vai. Garotinha, quer um doce? Sim, por favor!

Entrego-lhe a pasta e agradeço, então faço o caminho até a minha sala, saltos clicando contra o chão de cimento recém-tingido.

Meu pai sempre reclamou que eu andava como um elefante, mas gosto de pensar que é porque ando com propósito. Caroline compartilha esse traço.

Pam lança-se atrás de mim e coloca os papeis na minha mesa, então corre de volta para a porta antes que eu perceba que ela já saiu.



13h19

"Já escrevi o codicilo, Daniel. Você só precisa polir o texto e torná-lo legal. A decisão já foi tomada."

Do outro lado da linha, a voz do meu advogado fica inaudível.

"Você está sumindo", digo.

Ouço-o arrumar o telefone. "Melhor?"

"Sim."

"Deve ser este maldito celular", ele reclama.

"Você ouviu o que falei?"

"Você quer dar a casa do capataz, junto com a parte de trás da propriedade, para a cidade."

"Sim."

“E a Sadie?”

“Deixe que eu me preocupe com a Sadie”, digo-lhe. Estive preocupada com ela por muito mais tempo do que ele de qualquer forma.

Ele responde com silêncio — aquele mesmo silêncio que ele emprega sempre que não aprova minhas decisões. Mas isso foi simplesmente uma pena. *Já* tomei uma decisão. Pretendo deixar a Sadie bem de vida, mas isso é algo que estou convencida de que devo fazer se Augusta vai algum dia abraçar a tarefa que designei para ela. Não há como o coração da minha filha estar nisso enquanto aquela casa de escravos permanecer nossa propriedade. Dessa forma, todo mundo ganha. A cidade vai manter a casa como um marco histórico, o pântano pode ser designado como preservação da vida selvagem. É um gesto de boa-fé, um que Augusta vai apreciar.

Não que eu lhe deva uma explicação, mas dou uma mesmo assim. “A casa na rua Legare vale mais do que essa. Pretendo dá-la a ela”, digo, ressentindo-me não tanto por ele estar preocupado com a Sadie em um nível pessoal, mas porque nenhum deles sentiu-se apto a confessar. Se ele vai permitir que seu relacionamento com a minha governanta seja um conflito de interesses, todas as partes deveriam pelo menos estar cientes daquele fato.

“Pensei que você queria guardar a casa do Robert para o Josh?”

“Josh está indo muito bem sem ela, e isso previne a necessidade de explicações longas e persistentes quanto ao *porquê*. Sadie pode deixá-la para ele quando *ela* morrer. Assim, conseguimos evitar toda a negociação asquerosa de desenterrar antigos assuntos familiares.”

“Se você diz”, Daniel responde.

“Eu digo.”

“Está bem, então. Vou passar na sua casa hoje à noite para pegar o rascunho.”

“Não precisa. Eu levo até você”, digo. “Segunda-feira é cedo o suficiente. Embora possa agradar imensamente algumas pessoas, não pretendo morrer durante o final de semana.”

“Está bem”, ele diz de novo. Conheço-o bem o suficiente para saber que aquelas duas palavras são uma resignação descontente.

Despeço-me e desligo, sentindo-me mais leve do que nunca, apesar da desaprovação de Daniel.

Embora tenha se passado um século inteiro e meio desde que a casa do capataz foi ocupada por vendedores de escravos, parece inesperadamente magnífico poder lavar as minhas mãos para isso.

Mas a sensação de satisfação é passageira. Tão logo desligo, o telefone em minha mesa toca de novo. Frank estava certo. Os telefones estão incorrigíveis hoje. Pego o aparelho, surpresa ao encontrar uma voz irritada do outro lado da linha.

"*Sra*. Aldridge?" o homem pergunta.

"Sim, é ela."

"Sua vadia!" ele cospe venenosamente. Atemorizada, perco a oportunidade de desligar o telefone.

"Por que você acha que tem o direito divino de meter o nariz na vida das pessoas?"

"Senhor, não faço ideia—"

"Claro que não faz, porque você mete esse maldito nariz em lugares que ele não pertence!"

"Não preciso ouvir seu linguajar", digo firmemente, e quando o homem começa a falar de novo com o mesmo tom, acrescento, "Não, pare! Se você se importa em me dizer, educadamente, qual é o seu problema, então abaixe o tom da sua voz e pare com o linguajar e eu vou escutá-lo, ou eu *vou* desligar o telefone".

Silêncio.

A dor de cabeça da qual consegui escapar essa manhã retorna para martelar inexoravelmente em minha têmpora — como aquele pica-pau em meu peitoril. Respiro fundo, "Com quem estou falando?"

"Jimmy Hutto", o homem oferece com ressentimento. Imediatamente compreendo sua fúria. Nós publicamos uma história sobre a filha dele, resumindo as circunstâncias do desaparecimento dela, uma história que o colocou em uma perspectiva bastante negativa. Quero dizer, quem vai trabalhar e esquece de buscar a própria filha?

"Ah", digo. "Bom, sr. Hutto. Eu lhe garanto que—"

"Você me fez parecer um perdedor!" o homem ralhou. "Ela é minha filha também. Não acha que estou sofrendo, assim como a porra da vadia da mãe dela?"

Desligo e levanto da mesa quando o telefone começa a tocar de novo em forma de provocação. Faço o caminho rapidamente pelo corredor até a entrada, onde Pam está atendendo o telefone em sua mesa.

Balanço a cabeça em negativa, e faço um sinal cortando a garganta, dizendo a Pam, "Não", em termos indubitáveis. Não vou falar com aquele homem de novo. Nada que publicamos estava inadequado. A verdade é a

verdade. Ele foi trabalhar. Ele esqueceu a criança. Durante aquele tempo alguém a levou embora. Foi tudo o que publicamos. Foi tudo verdade.

“Sim, senhor”, Pam diz. Então, “Não, senhor. A sra. Aldridge saiu”. E, então, ela aperta os ombros enquanto o homem começa a berrar no fone, gritando obscenidades que consigo ouvir mesmo de onde estou. Finalmente, Pam desliga o telefone.

“O que ele disse?”

Pam faz careta, como se não quisesse dizer.

“Posso lhe garantir que já ouvi pior.”

As sobrancelhas da pobre garota se inclinam de forma infeliz. “Bom, senhora... tem certeza?”

“Tenho certeza”, digo-lhe.

“Ele disse... ele disse que ia ‘colocar um fim na sua vida’. Palavras dele”, Pam foi rápida em acrescentar. “Sinto muito.”

“Claro.” Reviro os olhos. “Que tipo de pai esquece a filha?” pergunto, e lembro-me de uma mãe cuja atenção está em uma margarita enquanto o filho flutua para longe em seu barquinho, caindo no esquecimento. Aquela mãe sou eu, e fico enojada comigo mesma de novo.

Pam dá de ombros, inconsciente dos meus pensamentos.

“Bom, eu já aguentei o suficiente para um dia”, digo. “Vou trabalhar o resto do dia em casa.” E, então, viro-me com um bloco na garganta para encontrar Brad Bessett de pé atrás de mim, presumivelmente esperando por mim. Fora do meu escritório, pareço ser um alvo legítimo, mas nem lá parecia um refúgio neste instante. Incapaz de falar, jogo a mão para cima. “Agora não, por favor. Leve para o Frank.”

“Mas é sobre aquele cara — Ian Patterson.”

“Leve para o Frank.”

3

14h30

Por mais que minha filha Augusta deteste essa cidade, eu amo.

As nuvens de chuva da manhã fugiram, afugentadas por um sol feroz. Veleiros, grandes e pequenos, cobrem o Ashley, velas brancas crescendo contra um céu azul pálido. Ao longo do litoral, no lado da James Island, capim-da-praia trepida contra uma brisa firme. É uma vista maravilhosa, uma que nunca me canso de ver, e ainda assim, o estresse da manhã permanece trancado dentro dos meus ombros.

Compelida a preencher o silêncio, pego o celular, sentindo uma pontinha de culpa por usá-lo enquanto dirijo. Mas hoje a via expressa está livre de trânsito e, no pior dos casos, posso voar por cima da ponte, caindo na lama do pântano abaixo.

Isso é algo que costumo imaginar em meu caminho para casa — desde que a ponte foi construída. Bem menos imediato do que colidir com uma árvore a 110 km/hora, mas uma lenta asfixia não pode ser nada mais, nada menos do que mereço como penitência pela morte do meu filho. Contudo, com a minha sorte, eu sobreviveria, como aquele cara na moto, que voou por cima da margem e, de alguma forma, conseguiu sair ileso. O *Tribune* publicou a história dele na primeira página. Pior do que morto, ele ficou envergonhado, arrancado das garras da morte vestindo uma roupa de fedor de pântano.

Disco meu correio de voz e ligo o viva-voz.

“Florence”, a primeira mensagem diz, constatando o óbvio. Só a Sadie

usa meu nome formal, e somente eu escuto as mensagens nesse número. “É sexta-feira”, Sadie acrescenta. Outro anúncio que dispensa explicação. “Tenho planos, mas estou deixando o jantar no fogão. Sobras”, ela diz com severidade, com um tom que denuncia nossa amizade antiquada. “Você sabe como me sinto sobre desperdiçar comida.”

“Claro”, digo para mim mesma.

“Planos para amanhã também. Mas vou vê-la no domingo, hein?”

Faço um beicinho. Não me incomoda tanto que ela esteja levantando voo, somente que ela persiste com esse segredo desnecessário. Queria que Sadie e Daniel simplesmente confessassem tudo. Mas então, quem sabe? Talvez a Sadie esteja mesmo tramando outra coisa? Há diversas coisas que ela esconde de mim — até e inclusive suas visitinhas ao cemitério.

Talvez no domingo eu lhe pergunte sobre isso. Talvez no domingo eu admita que fui lá sozinha.

Quanto às sessões de terapia. Isso permanece apenas da minha conta.

A próxima mensagem é da Savannah:

“Mãe? Você está bem? Deixei três mensagens para você. Ligue para mim, por favor. Você está me deixando preocupada.”

Suspiro. Porque esse é, precisamente, o ponto. Savannah está preocupada demais com o meu bem-estar — até o ponto que fico completamente consciente do meu humor quando falo com ela, e se não estou preparada para a tarefa de fingir, encontro-me relutante em expor meu humor mais sombrio para a minha caçula. Das três, Savannah é a mais risível, mas se ela fizesse ideia de quão preocupada estou com a morte, ela pegaria o próximo avião para casa. Apesar de não haver nada que eu amasse mais do que ver minhas meninas, agora não é uma boa hora.

Quando é uma boa hora? minha consciência pergunta.

“Cale a boca”, digo em voz alta.

As mensagens restantes continuam a tocar. Karen Hutto, a mãe da garotinha de seis anos, que desapareceu — pedindo desculpa pela falação do ex-marido. Mas sinceramente, não estou tão incomodada quanto alguns podem pensar. Se eu me estressasse com cada ligação exasperada que recebo, teria engolido há muito tempo aquele frasco de remédio no criado-mudo. Como é que dizem? Você não pode agradar a todos, então tem que agradar a si mesma? Não consigo nem fazer isso; então por que me importar?

Disquei o número da Sadie, meio tentada a perguntar direto sobre o Daniel. A secretária eletrônica atende. Sadie ainda tem uma daquelas

variedades antiquadas que guarda mensagens em uma caixa feia. Ela guarda a dela no balcão da cozinha — um local central em sua pequenina casa, assim ela — ou qualquer um, por sinal — pode ouvir suas mensagens mais particulares de qualquer canto da casa.

Um dia, estávamos sentadas em sua sala de estar, comendo torta de limão e bebendo café, quando sua prima, Queenie Pritchet ligou para dizer que pegou o neto de Rose Simmons se masturbando na banheira. Ela ficou horrorizada, e Sadie também, principalmente porque ela queria que eu soubesse que ela não ficava fofocando sobre assuntos da casa com a prima ou mais ninguém.

Mas a secretária eletrônica arcaica não era uma anomalia. A casa inteira da Sadie ficaria presa nos anos 50 se eu não a tivesse importunado para reformar a cozinha cerca de dez anos atrás. E mesmo então levou-lhe outros cinco anos para sentir-se confortável o suficiente para usá-la. Ela era uma mulher teimosa — tão teimosa quanto eu. Espero pacientemente pelo bipe.

“Sou eu”, digo, em perfeito contraste à mensagem de Sadie. Apenas suponho que todos vão saber quem é. “Vamos tomar café no domingo. Tenho algo a discutir com você.” A menos, claro, que Daniel chegue a ela primeiro. Dou uma dica sobre o assunto. “Sabe aquela discussão que tivemos sobre dar a casa para a cidade, assim que reformamos sua cozinha? Bom, vou fazer isso mesmo. Passe aqui quando puder.”

Desligo, pensando comigo mesma se Sadie vai entender. Dez anos atrás, ela alegou que não se importava com aquela velha casa. Mas o tempo tem um jeito de mudar a mente das pessoas. Talvez, afinal, ela tenha ficado apegada à cozinha?

Suspirando, jogo o celular no banco do passageiro quando saio da via expressa, e mesmo antes de dirigir um quilômetro pela estrada Folly, sei com uma certeza absoluta: vou parar na loja de bebidas.



15h45

No que se trata de casas, a casa do capataz é menos do que imperiosa, embora foi construída em uma posição para contemplar os quartos dos escravos, assim como os campos de arroz.

Em seus dias de auge, a Oyster Point foi uma próspera plantação de arroz. Meus antepassados descobriram que o arroz, uma importação cara, crescia bem aqui no Lowcountry. E, logo em seguida, também descobriram os benefícios de importar escravos da Costa do Arroz na África, homens e mulheres que estavam "acostumados a plantar arroz" — um fato que era cautelosamente divulgado no jornal diário.

William Alexander Aldridge, fundador do *Tribune*, era conhecido por remar para encontrar navios chegando ao porto, receber as notícias mais cedo do que seus competidores. Quase do mesmo jeito que Deus ajuda quem cedo madruga, é lógico que quem controla as notícias também escolhe primeiro a "safra". Costumo pensar que esse foi o ímpeto inicial para o surgimento da minha família no mundo das notícias diárias — a escolha de escravos para a Oyster Point. É uma origem dúbia. Mas quem pode saber com certeza?

O que é certo é que os ancestrais da Sadie ajudaram a tornar a Oyster Point uma das fazendas mais abastadas de sua época.

Até no tardio da minha própria juventude, ainda era possível encontrar enxadas enferrujadas nos galpões — enxadas que uma vez foram balançadas pelos escravos, que moveram pelos campos, cantando pesarosamente pela sua salvação.

Dentro das pequenas casas brancas geminadas permaneceram morteiros e pilões, uma vez utilizados por mulheres durante o processamento de arroz. Sadie e eu costumávamos brincar com eles, nunca compreendendo verdadeiramente suas origens lúgubres, apesar do que era dito em nossos livros de história, e apesar da presença sinistra de lugares como o mercado de escravos no centro da cidade. Mais para mim do que para ela, talvez, era simplesmente um mercado.

Durante os anos 20, uma concessionária de carros operou naquele prédio, oferecendo os mais recentes sedãs, Studebakers, e algumas carruagens robustas puxadas por cavalos. O pai dela comprou seu conversível Studebaker President naquela exibição por menos de dois mil dólares.

No final dos anos 30, o mercado foi estabelecido como Museu do Velho Mercado de Escravos, apropriadamente exibindo arte africana e africana-americana. Mas nem Sadie, nem eu, nunca nos preocupamos muito com o que estava acontecendo do lado de fora dos nossos portões. Na maior parte, a Oyster Point era um mundo em si mesmo, e Sadie e eu éramos as únicas crianças das matriarcas em nossa família. Seguras dentro do nosso mundo, nossa amizade resistiu às revoltas raciais, subjugação e o movimentos dos

Direitos Civis. Somente tornou-se vítima de Robert Samuel Aldridge II.

Bem depois da morte de Robert, eu ainda não conseguia aguentar o som do nome dele em minha mente. Há uma parte de mim que se pergunta se eu fiz meu filho sumir por um passe de mágica... naquela dia lá fora... na praia...

Dirijo devagar passando a casa do capataz, com suas singulares e pequenas águas-furtadas no sótão, e a varanda coberta, construída para imitar a casa principal. Pode parecer um luxo — aquela varanda — a menos que alguém entenda que seu propósito é espiar os campos de qualquer perspectiva, fora do sol ardente, enquanto mulheres inclinavam-se literalmente para dar à luz crianças ao mesmo tempo que suavam e trabalhavam nos campos.

Se penso nisso dessa forma, como Augusta, pergunto-me como Sadie consegue suportar dormir lá. Mas ela nunca menciona isso — nunca. Ela repinta o azul céu da varanda a cada ano, supostamente para evitar os fantasmas de nosso passado.

Suspeito que eles permaneçam — todos eles — assombrando-me cruelmente.

No final, não acredito que somos a soma de nossa existência, em vez disso somos a soma da existência de todos que nos precederam. Todos os nossos pecados que permanecem sem ser ditos em voz alta, afastados da luz, começam a apodrecer lá no escuro.

Por mais que eu tente, devo dizer, não como Augusta, comecei a ver a adorável casinha branca com as águas-furtadas no sótão como uma cicatriz pronta para ser arrancada.

Sadie está em uma situação melhor na casa na rua Legare.

O carro dela não está. Ela diz que não estará em casa no sábado também, o que significa, quase certamente, que ela pretende passar a noite com o Daniel. Ou talvez ela foi para St. Helena Island visitar a prima Queenie?

A bursite da Queenie está mais forte, embora ela continue a cuidar da casa para Rose Simmons. Já passou do tempo de as duas se aposentarem, mas confesso com certo alívio que Sadie é teimosa demais para deixar a Oyster Point.

Olhando o saco de papel marrom no banco do passageiro, dou um gás no acelerador e lanço-me, passando a casa do capataz, para a estrada de cascalho que leva à casa principal.

Não é da conta de ninguém se desejo beber.

Hoje à noite, estarei sozinha. Amanhã de manhã também — mais do que

tempo suficiente para cuidar de uma ressaca. Ninguém vai saber.

Parando o carro no estacionamento, saio, inclinando-me para puxar o saco de papel do banco do passageiro. Como uma reflexão tardia, agarro minha bolsa também, deixando o celular no banco.

Carregando o peso incômodo de garrafas de bebida, pesco as chaves de casa na bolsa, ignorando os pontos pretos nos meus arbustos de azaleia. Neste ano, eu as negligenciei, e como filhas carentes e ingratas, elas já se voltaram contra mim.

Lá dentro, encontro o Tango sentado na porta da frente, abanando o rabo com felicidade.

Sorrio e abro a porta. “Vamos”, digo a ele. Ele corre para o quintal e urina no cascalho, então retorna imediatamente, balançando o traseiro inteiro com alegria não reprimida.

“Somos só eu e você hoje à noite, meu amigo”, digo e fecho a porta.



17h30

Esta é a parte difícil.

Fico descalça na cozinha, encarando o copo com gelo meio derretido. Ele descansa no balcão, perto de uma taça de vinho e uma garrafa fechada de vodca — vodca, porque tem o menor odor... caso a Sadie entrasse de súbito.

Uma coisa é abrir uma garrafa de vinho — e isso eu fiz, apenas como um extra —, mas outra completamente diferente é entregar-se à bebida forte. Principalmente depois que a Sadie me encontrou adormecida na banheira, com as narinas pairando pouco acima da superfície. Mais uma descida de seis milímetros e eu teria inalado um pulmão cheio de água da banheira.

Foi assim que meu bebê morreu? Seu barquinho inflável surgiu em algum lugar lá no canal enquanto barqueiros bêbados passavam acelerados? Será que ele entendeu o que significava seus pés ficando molhados? Será que gritou pela mamãe?

Provavelmente não.

Ele teria chamado a Sadie — tenho quase certeza desse fato — e isso também me atormenta agora. Embora somente agora. Na época, eu estava preocupada demais com a minha raiva justiceira para me importar que meu

filho mais novo nunca veio até mim com arranhões nos joelhos. Como minhas filhas, ele corria para Sadie, que era bem mais rápida em beijar seus machucados.

Naquela noite na banheira... eu deveria ter me juntado ao meu filho.

Encaro o copo.

Não há dúvidas, a atração é forte. Convenço-me de que é minha a escolha de beber. Posso me afastar, mas não quero.

O segredo é ser esperta quanto a isso. Forço-me primeiro a comer para tapear o estômago — metade de uma tigela das sobras de espaguete da Sadie e um pedaço de pão, mas o tempo inteiro fico olhando o copo de gelo derretendo.

Colocando a tigela de lado, finalmente cedo e abro a tampa da vodca, servindo até o copo estar meio cheio. É melhor beber puro, assim consigo saber exatamente quanto estou tomando, convenço-me enquanto levanto o copo. Sinto a tensão deslizar dos meus ombros mesmo antes de meus lábios tocarem o copo gelado.

Tango choraminga aos meus pés, como se ele sentisse algo malévolo girando ao nosso redor. É o ar pantanoso, tão grosso que dá para cortar com uma faca.

Ignoro meu cachorro, tomando um gole bom e forte.

O problema é... estou quase certa de que pretendo tomar um comprimido hoje à noite, porque eu queria dormir cedo. A experiência me diz que os dois não se misturam.

Franzo para a bebida em minha mão trêmula.

Droga.

“Você me ama, não ama, bom garoto?”

Os olhos de Tango perfuram os meus, como se espiassem dentro da minha alma. Se algo acontecesse comigo, ele ficaria completamente sozinho. Nem mesmo a Sadie o ama como eu. Na realidade, às vezes penso comigo mesma se ela gosta de cachorros de modo geral. Ela o trata bem, mas desde que o Bear morreu — um Labrador preto que tivemos antes do Tango — ela não tem sido muito receptiva com outro animal na casa.

“Pobre garoto”, digo.

Frustrada, coloco o copo no balcão e saio.

Por ora.



19h

Você pode apontar qualquer momento em minha vida, e a verdade é que eu provavelmente nunca estive completamente presente.

Naquele dia... na praia... em vez de aproveitar um momento com os meus filhos... um momento que logo esvair-se-ia no mundo melancólico de memórias, fiquei sentada, bebericando margaritas, pensando no Robert — e, mais especificamente, em preencher a papelada do divórcio. Eu sabia que, dada a chance, ele fugiria de tudo.

“O divórcio não será bom para nenhuma de nossas carreiras. É como uma letra escarlate, Flo.”

Fiquei sentada baforando em um cigarro com filtro. “Sim, bom... você deveria ter pensado nisso antes de tirar as calças”, digo-lhe.

Eu ainda estava agitada naquela manhã na praia, curtindo margaritas intensamente, e apesar de que foi Sadie quem veio a mim com a verdade, pensei em pedir a ela que fosse embora também. A única razão pela qual não o fiz, francamente, foi por causa das crianças. Eu não estava tão apta a ser mãe como estava para administrar o jornal.

Lá na praia, deixei as meninas tomarem conta do Sam, meros bebês elas mesmas. Na última vez que espiaram o irmãozinho, ele estava brincando de pirata em seu barquinho inflável. E, então, ele sumiu. Nenhum rastro dele. Seu barco nunca foi encontrado. Mandei escavarem a praia por quilômetros — múltiplas vezes. O custo era proibitivo, mas não mais do que aquele candelabro em meu escritório.

Dois meses depois daquele incidente, Robert se mudou. Três meses depois disso, Robert tornou-se uma das cinquenta e seis vítimas do Furacão Hugo — embora não pela razão que as pessoas normalmente morrem durante um furacão. Enquanto Hugo devastava Charleston, soando como um liquidificador furioso, arrancando árvores e destroçando pontes, meu marido de um casamento de nove anos tombava morto por causa de um enorme ataque cardíaco enquanto transava com uma estudante universitária.

Ainda assim, pensando sobre aquela manhã, revivendo-a de forma consistente — como se eu pudesse de alguma forma pensar nela de outro modo —, saio do chuveiro em uma casa silenciosa.

Atipicamente, Tango fugiu para se divertir em algum lugar. Ele parece gostar de encarar a janela do foyer, enfiando a cabeça para dentro da cortina para olhar a varanda. As cortinas vivem quase sempre retorcidas agora, e

contemplei pedir a Sadie para removê-las. A casa principal fica longe o suficiente da estrada que ninguém se aventura nessa direção.

Além disso, não há muito o que espiar pela porta da frente, exceto algumas peças diversas no saguão da frente — o espelho de Pinckney que precisaria de um time de homens para desmontá-lo e carregá-lo, e um vaso de chão de cerâmica etrusca que fica perto da escada — um presente de aniversário do Robert. Apesar do preço que ele provavelmente pagou por isso, não seria uma grande perda.

Extremamente consciente do silêncio contínuo, apenas porque me lembra de que ninguém está presente para testemunhar meus fracassos, visualizo o frasco de remédio na gaveta do criado-mudo. Lembro precisamente como caiu e onde ficou — com o rótulo para baixo assim dá para ver os pequenos comprimidos azuis através do frasco marrom opaco.

O copo de vodca já deve estar diluído agora que o gelo derreteu. Será mais difícil saborear a bebida, mais fácil fingir que é simplesmente água.

Eu deveria ter jogado fora.

Imagino se a Dra. Braxton vai ressentir-se de uma ligação no sábado.

Ou talvez eu devesse ligar para a Savannah?

Ou levar Tango para um passeio?

Ele gostaria disso.

Determinada a manter-me ocupada, até que o impulso passe, enfio-me no closet para pegar um par de tênis novinhos. Caros demais para deixá-los sentados em um closet, decido que seja melhor fazer uso deles.

Tento lembrar precisamente o que a Dra. Braxton disse. Ela profetizava esses momentos e dizia que aprender a controlar meus impulsos é essencial para uma recuperação de sucesso.

Claro, ela também recomenda que eu retire toda a tentação de casa. Esta é a analogia meticulosa dela: Se você não pode tomar sorvete, melhor não guardar nenhum pote em casa, e melhor ainda nem passar por uma sorveteria, nunca, porque cedo ou tarde você vai parar.

E assim eu o fiz.

Mas esta é a verdade: Eu não anseio por álcool. Eu não tomo remédio todas as manhãs antes do trabalho e não carrego nenhum na bolsa. Só está aqui, nesta casa, onde sinto minha força de vontade enfraquecida.

Isso me torna uma viciada?

Carregando os tênis até a cama, sento-me e deslizo-os em meus pés, parando somente para xeretar a gaveta do criado-mudo.

Lá estão eles, exatamente como me lembro. Fecho a gaveta de novo, irritada com a preocupação intensa.

Esse mesmo foco que dobrou o público leitor do *Tribune* no primeiro ano que tomei posse. É também o mesmo nível de absorção que me custa minhas filhas.

Assim que coloco os tênis, vou até o corredor e desço a escada, surpresa ao descobrir que o Tango não está descansando na porta da frente. Em vez de ir procurar por ele, entro na cozinha e viro minha bebida diluída na pia.

Que tal isso para impulso?

Não preciso disso. Coloco a tampa de volta na garrafa e escondo a garrafa de vodca, *junto* com o vinho. Jogo uma água na taça de vinho e coloco-a na lava-louças, e, então, fico lá olhando para fora da janela, para o carvalho retorcido no quintal da frente.

Algumas das árvores viram séculos de idas e vindas. Como seria resistir tanto tempo, enraizada em um só lugar, de modo que tudo o que você é, é uma espectadora nas vidas dos outros?

Está enevoado hoje à noite. Consigo ver a névoa vindo da água, rastejando devagar como um lençol nebuloso por cima dos campos.

Bem aqui, no crepúsculo, a uns cento e cinquenta anos atrás, meus antepassados viram o avanço de três mil e quinhentos soldados da União enquanto eles desciam na Fort Lamar, pisando imprudentemente pelo pântano que os sugava até as coxas. Se aquela batalha tivesse sido perdida, a União poderia ter forçado uma rendição dos confederados dois anos mais cedo, mas, ai de mim, a culpa disso não foi da casa, tampouco minha.

Não faço ideia do porquê minhas filhas detestam tanto este lugar. Charleston é o lugar de nascimento delas, e no caso de Augusta, literalmente. Ela nasceu no andar de cima.

A casa em si não fez nada de errado. Serviu bem nossa família. Bem e mal, o passado é o passado.

Está escurecendo agora. Há nuances rosados no céu espreitando pelas copas de verde. Não dá para espiar a água daqui, mas ela está lá, e eu pego reflexos enquanto o sol se pondo cintila por sobre o pântano. Os sapos não estão coaxando também, mas ouço grilos começarem a cricrilar.

Está quase tarde demais para um passeio. A cozinha ficou escura, e somente então percebo que não vi nem ouvi o Tango.

Sem me importar em acender a luz da cozinha, ando pela casa familiar, chamando o nome do Tango.

“Aqui, garoto”, digo. “Tango!”

Nem um pio.

Verifico a sala de estar. Ele não está lá. Verifico no andar de cima. E, então, ao descer a escada de novo, cinza com sombras fantasmagóricas, ouço um choramingo distante.

Pensando que talvez ele esteja preso em meu escritório, começo naquela direção usual, imaginando como diabos ele conseguiu ficar preso lá.

Na metade do caminho pelo saguão, de repente congelo. Uma figura alta e escura, vestida de preto, bloqueia meu caminho. Percebo que ele está usando uma balaclava.

Ele dispara atrás de mim.

Com um grito preso na garganta, corro para a porta da frente.

Grata por estar sóbria, estico o braço para a maçaneta da porta e viro-a rapidamente, saindo no crepúsculo.

O celular está no carro, mas não ouso parar para pegá-lo. Não há tempo! Atrás de mim, o homem de preto emerge do interior escuro da casa e tropeça ao descer os largos degraus da varanda atrás de mim, fazendo-me ganhar segundos preciosos.

Conheço esta floresta melhor do que ninguém. Se eu conseguir perdê-lo, consigo voltar, buscar meu celular e chamar a polícia. Ou, posso perdê-lo na floresta e então correr pela rua. Correndo loucamente a toda velocidade para dentro da floresta, estou extremamente consciente do som de pés me perseguindo, mas não ouso olhar.

Grata pelos tênis, corro mais rápido do que acredito conseguir, e quase como se Deus estivesse me fazendo um favor hoje à noite, como um presente por jogar fora a bebida, a luz do dia some assim que adentro o matagal — murta perfumada, esfregão da praia e arbustos espinhosos que imediatamente rasgam meus tornozelos.

Dentro da floresta, vou abaixada até as ruínas em nossa propriedade — correndo na direção da estrada, não com a intenção de me esconder, mas ao ouvir os sons de perseguição atrás de mim, o matagal e os escombros me dão cobertura. Meu coração acelera quando escorrego atrás de uma fachada de tijolos enegrecidos. Aqui o cheiro de lama me acosta.

Agachada no matagal, agarro com força as ruínas de tijolo às minhas costas, esforçando-me para não ofegar, não respirar. Ouço o bramido de grilos crescendo, ou talvez seja a agitação do meu próprio sangue? Lá no pântano, sapos começam a revidar o golpe. Rezo para que o som oculte

minha respiração pesada.

E eu escuto.

Não há tempo para imaginar quem ele é. Não há tempo para considerar como ele sabia que eu estaria sozinha.

O que ele quer?

Esvazio a mente de questionamentos, e... *escuto*.

Energia; diz-se que o corpo humano produz cerca de duzentos e cinquenta BTU enquanto dorme, até dois mil e quatrocentos com trabalho pesado.

Quanto o medo produz?

Tudo que fazemos é controlado pelos impulsos elétricos que correm por nossos corpos — até aqueles sinais cruciais dizendo aos nossos corações para pulsarem mais rápido quando estamos em perigo. Nosso sangue bombeia mais oxigênio para os músculos e cérebro. As pupilas se dilatam para enxergar melhor. Os sistemas digestivo e urinário desaceleram. Os pulmões se expandem para receber mais ar... assim podemos focar e lutar até nossos últimos suspiros.

Meus olhos se ajustam às sombras se movendo — arbustos tremendo contra uma brisa quente de verão. Uma buzina de neblina estoura na água. Ouço o som da minha garganta se fechando enquanto engulo. Então, o zunir do motor de um barco, em algum lugar... lá fora.

Conheço esta floresta melhor do que ninguém, tranquilizo-me mais uma vez. Este é o *meu* território. *Meu* domínio. Nem minhas filhas têm o que eu tenho — cinquenta e quatro anos de intimidade com esta terra.

A neblina coalesce ao meu redor, como gavinhas fantasmagóricas.

De repente, um rosto emerge ao meu lado. Grito e pulo para longe. Ele agarra meu pé quando tento escapar. Meu tênis sai na mão dele, mas é o suficiente para me dar um impulso para frente. Uso o impulso para ficar de pé, chutando-o na cabeça enquanto saio fugindo. Um único salto para frente e piso em algo afiado. Um galho de árvore irregular. Não penetra minha pele, mas tropeço para a frente. Minha cabeça bate contra um monte de tijolos cobertos com argamassa. Uma luz branca lança-se atrás das minhas pálpebras. A dor explode em minha cabeça.

4

Devagar, abro os olhos para me encontrar aos pés da minha própria escada, olhando para cima. O espelho Pinckney pendurado acima de mim, pronto para roubar minha alma e meu espírito no instante em que saírem do meu corpo.

Um sonho? Pergunto a mim mesma.

“Quem está brincando de Deus agora, *Sra. Aldridge*?” uma voz de homem pergunta friamente.

Conheço a voz.

Minha visão embaça. Seu rosto fica fora de foco. Olhos azuis. Olhos azuis, azuis... como o mar. Por um instante, acredito que estou bêbada. Ah, Deus, sou fraca, digo a mim mesma. Tão fraca.

E, então, vejo-o mais nitidamente, sorrindo para mim.

“Você”, sussurro. Pelo menos acho que o fiz. Não consigo ter certeza de que meus lábios se mexeram.

Sinto cheiro de sangue, e percebo que estou gelada — tão gelada — deitada em algo quente...

Descendo a escada, ele caminha, olhos azuis cintilando. Ele move-se elegantemente como um estreante em um concurso de beleza. Mas ele tem uma faca.

Não estou com medo.

Não há lugar dentro do corpo humano onde a alma possa ser encontrada e cavada. Ela não fica sentada em um altar na caverna do coração. Nem se demora em um cadáver em decomposição. Ela não pode ser apagada como uma lâmpada.

Essas são coisas das quais tenho certeza enquanto sinto meu batimento cardíaco sumindo — tanta certeza como tenho, finalmente, de que apesar das minhas preocupações com a morte, eu *quero* viver.

Eu quero viver!

Algo molhado vaza dos meus olhos... uma lágrima... afinal?

Todas as coisas tornam-se muito claras durante o momento da morte... e sei disso agora...

Tudo depende de um momento.

Tome uma decisão em uma fração de segundos ou ceda a um capricho... e como peças de dominó caindo, eventos virão, bons e ruins. Em um mundo perfeito, se você tomar uma decisão com a melhor das intenções, somente o melhor dos resultados poderá sair. Mas, às vezes, pessoas más fazem a coisa certa. Às vezes, pessoas boas fazem a coisa errada.

Sei por que ele está aqui.

Um segundo antes do meu fim, entendo agora que talvez isso tenha começado a muito tempo atrás... em outro momento... em uma praia ao norte de Folly...

ELOGIOS AOS LIVROS AO NORTE DA LOUCURA & AO SUL DA MORTE

[Ao Norte da Loucura é] perigosamente viciante.

Sherrilyn Kenyon, #1 na lista de mais vendidos do *New York Times*

Crosby serve suspense, segredos e escândalo sulista como ninguém!

Harlan Coben, #1 na lista de mais vendidos do *New York Times*

Bem escrito, quase um tipo gótico sulista, suspense romântico com emoções, calafrios e mistério ininterruptos.

Leitor da Amazon

Crosby retrata, com facilidade, um cenário lúgubre que no exterior parece bonito, mas à espreita sob as sombras encontra-se algo sinistro. Rememorativo de um filme antigo de Hitchcock, Crosby consegue dar ao leitor a figura misteriosa ao fundo, sempre próxima, mas despercebida pelo herói e heroína.

Leitor da Amazon

AO NORTE DA LOUCURA

Você sabe quem matou Florence W. Aldridge? Talvez você tenha suas suspeitas, mas nenhuma das três filhas de Flo faz a mínima ideia de que a mãe foi assassinada. Conheça uma a uma começando com AO NORTE DA LOUCURA.

Levantando o véu da intimidade de uma grande família sulista em declínio, a autora na lista dos mais vendidos do New York Times, Tanya Anne Crosby, explora as vidas de Caroline, Augusta e Savannah Aldridge, três irmãs que dividem um passado obscuro e um futuro incerto... Caroline Aldridge ficou surpresa com o número de enlutados no funeral de sua mãe. Evidentemente, a herdeira do jornal, a qual causou tanto sofrimento às filhas, era bem-amada por todos em Charleston. Agora ela se foi, deixando para trás inúmeros segredos – e algumas exigências: Caroline e as irmãs devem morar juntas por um ano ou perdem a herança. E Caroline deve assumir o Tribune. *Mas um assassino está fazendo as manchetes e, inconscientemente, Caroline pode ter pisado na mira...*

Uma série de sequestros e assassinatos ressuscita nas irmãs as memórias do desaparecimento do irmão quando criança – e Caroline teme ser a próxima. Ainda assim, no meio da confusão, ela pode reacender um romance que havia extinguido há muito tempo. Com Jack de volta à sua vida e os laços desgastados da fraternidade se remendando lentamente, Caroline espera que a família possa restaurar a posição na sociedade de Charleston – a menos que uma força sinistra além do controle delas as separe para sempre...

AO SUL DA MORTE

(CONTINUAÇÃO DE AO NORTE DA LOUCURA)

Augusta Aldridge acredita na inocência de Ian Patterson, mesmo após ele ter sido preso por matar duas jovens mulheres e mutilar seus cadáveres. Ela estava com ele na noite de um dos crimes, escondida nas sombras debaixo de um píer na praia, presa em um abraço selvagem e descuidado com o homem cujo perigoso fascínio pode ter fatalmente seduzido outras vítimas. Agora que outro corpo foi encontrado, a polícia suspeita de um imitador, mas Augusta tem certeza de que eles estão com o homem errado atrás das grades. Ela vai arriscar sua reputação e a vida para provar isso...

SOBRE A AUTORA



Os romances de Tanya Anne Crosby já figuraram em diversas listas de bestsellers, incluindo as do New York Times e do USA Today. Conhecidos pelos enredos carregados de sentimento e humor e repletos de personagens imperfeitos, seus livros vêm recebendo elogios dos leitores e comentários entusiásticos da crítica. Tanya vive como marido, dois cachorros e dois gatos temperamentais no norte de Michigan.

Per maggiori informazioni:
www.tanyaannecrosby.com
tanya@tanyaannecrosby.com

